

O bom malandro

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do
TRF da 5ª Região

Conheci Bezerra da Silva, em Campina Grande, nos idos de 1980.

Terminara um show no centro rainha da borborema e estava a jantar no restaurante “Manuel da Carne-de-Sol”.

Feitas as apresentações de estilo pelo saudoso tribuno Raymundo Asfora, freqüentador assíduo daquela conhecida e tradicional casa de iguarias regionais, conversamos eu, Bezerra da Silva e Asfora, até alta madrugada.

Quando nos despedíamos, eu disse, em linguagem afável e musical, que tínhamos vivenciado um papo em estilo partido-alto.

Do diálogo com o autor de *Malandragem Dá Um Tempo*, garimpei uma verdade que lhe timbrou a alma: fazer da música um instrumento de transformação social.

Realmente, todo o seu acervo cultural buscava dar às sete notas musicais um discurso de postura realmente engajada.

Quem acompanhou a vida do pernambucano Bezerra da Silva há de sentir, na força de sua emoção criadora, um viés de identificação com as dores do mundo.

Sem procurar fazer alardes do que produzia, gostava de ser lembrado como a voz e o verso dos morros e alagados.

Era, sem dúvida, o autêntico e verdadeiro menestrel da periferia.

Depois, tinha consciência de seu valor, história e presença na construção da paisagem musical brasileira.

Pelo arraigado sentimento de empatia com a boemia musical, foi *elo entre o morro, a zona sul e as rodas de partido-alto, o repente verdadeiramente nordestino e a estridência do rap.*

As cenas que viveu, especialmente no morro do Cantagalo, musa do seu cancionero, pavimentaram o caminho de sua produção.

A vida inspirando a arte; a arte denunciando a vida.

Assim, neste jogo de licença poética, apreendeu os dramas das ruas e os recitou, começando por ele próprio, a quem se autoproclamava órfão de pai vivo, já que só conheceria o pai muitos anos depois.

O pai fugira de casa para tentar a vida no Rio de Janeiro.

Assim, a então Cidade Maravilhosa deu-lhe régua e compasso, para que, com verso e rima, cantasse os dramas do cotidiano.

Da sua discografia, saíram jóias de raro quilate artístico, como as músicas, *Pega Eu, Que Eu Sou Ladrão, Seqüestraram Minha Sogra, Overdose de Cocada e Piranha*, etc...

Pela nomenclatura dos títulos musicais, vê-se, avalia-se, o pincel do artista desenhando o universo dos desajustes sociais.

Depois, as dores do mundo apontaram-lhe a Estrada de Damasco, convertendo-o em Mensageiro da Bíblia.

Há três anos, fizera-se evangélico.

Artista e pregador, hoje é saudades nas noites, no batuque dos bares, no samba dos morros, mas viverá na *fé que remove montanhas e na música que eterniza os homens*.